

Recordando a Menina Eulália

José Manuel lopes
Professor e Investigador na Universidade Lusófona

Et cum spiritu tuo

I

Ao fundo de uma rua ladeada de tílias erguia-se a vivenda de aspecto novecentista. Em volta da entrada, mesmo por cima das cabeças das pessoas que aí chegavam em ensolaradas tardes de Julho, pendiam ramos de buganvílias brancas e magenta, como se alguém tivesse salpicado neve por dentro desses tons de uma fulva intensidade.

Dessa casa resta apenas a fachada onde as janelas se abrem agora semelhantes a olhos vazios de penumbra, ocultando as silvas e as ervas daninhas que pudessem ter encontrado terreno fértil nos forros e nos soalhos de carvalho, meio incinerados e apodrecidos.

«Organizavam agradáveis lanches e sessões ao fim da tarde» observou Cláudio, quando me veio visitar nesse fim de Outono, com um fato que achei ostensivamente claro para a estação, e um ar a um tempo nervoso e distraído, alheado mesmo, que não me parecia augurar nada de bom... «Organizavam encontros muito agradáveis» repetiu, olhando fixamente para uma esquina da mesa em que estávamos sentados.

«Mas à noite, como me constaste uma vez...»

«À noite os convidados eram já outros, pessoas inteiramente diferentes... A menina Eulália, por exemplo... Diziam que poderia falar com os mortos, arrastar desde longe certas vozes, se bem que fragmentadas, as quais, com um grosso lápis de cera azul-escuro, ela ia captando em enormes folhas de papel de embrulho,

espalhadas sobre uma mesa, já ardida, onde bruxuleavam velas e candeeiros de petróleo.»

«E não previu ela também o grande incêndio?» perguntei-lhe, sem mesmo disfarçar uma certa ironia.

«Há quem diga que sim... Mas não passava de uma rapariga triste e solitária que há alguns meses, como tu sabes, se suicidou...» Olhou então distraidamente para o tecto, antes de acrescentar: «No entanto, disseram-me que tinha deixado, no interior de uma velha mala de viagem, todas essas vastas folhas de papel, numeradas e muito bem dobradas.»

Em seguida, desviando uma vez mais o olhar ausente da esquina dessa mesa, olhou-me bem nos olhos, para me dizer: «Ninguém — nem mesmo os pais dela, republicanos ferrenhos — estava interessado em tais papéis, que teriam levado a única filha, tal como afirmaram tantas vezes, à loucura e ao suicídio...»

«E esses mesmos papéis?...»

«Existem e não existem. Como te disse, trata-se apenas de fragmentos de deliradas comunicações com o Além. Numa delas, só para te dar uma ideia, o Rei D. Carlos é informado do assassinio de Humberto I de Itália, seu tio, e desmaia num dos salões de Vila Viçosa, como se fulminado por uma bala. Logo no parágrafo seguinte, Sidónio Pais fala pela boca, ou com a mesma “voz”, do nosso falecido rei, para se transformar numa nuvem de fumo, ainda com um certo estro humano, que se teria elevado no átrio da estação do Rossio, ocultando no seu interior uma série de corvos, os corvos de São Vicente... não sei se estás a ver... Poderá parecer incrível, mas a história não termina aí. Sidónio, como se ressuscitado e ainda com a sua farda azul-clara manchada de sangue, comunica ter acabado de regressar de uma antiquíssima colónia fenícia algures na costa portuguesa, na qual um grande chefe teria sido morto em circunstâncias muito semelhantes às suas, varado, nesse caso específico, por uma súbita lança...»

«E a famosa frase do “salvem a Pátria”?» perguntei-lhe eu, em jeito de provocação.

«Que lhe importaria este mesquinho “jardim à beira-mar plantado” quando ele já tinha viajado para além do familiar invólucro espaço-temporal que nos domina?...»

«Mas o que ela deixou escrito nesses papéis não se limita a tais trivialidades, pois não?» insisti.

«O assunto é bem mais complicado, segundo me informaram» acrescentou logo. Cláudio, nesse momento, parecia adquirir, uma vez mais, essa espécie de

desfocado entusiasmo que eu antes mencionara. «Tudo vai, repara bem...» acrescentava com uma gargalhada fria, «de reorganizar essas mesmas folhas de papel de modo a... podermos ler nelas um certo futuro...»

«Mas qual?» apressei-me a inquirir.

«Este que já aqui está à nossa volta, como deverás calcular...»

II

Ao fundo dessa rua a casa já não existia, mas Cláudio ainda brincava comigo aos índios e cobóis, no jardim de buxo impecavelmente aparado por detrás da casa, enquanto jovens casais muito bem vestidos saíam de automóveis guiados por *chauffers*, como se transpirassem os ritmos de um *jazz* e de uma prosperidade ainda recente. Eram então conduzidos até ao salão por criadas impecavelmente fardadas, com cristas de neve branca por dentro da quieta calma de Verão.

«E que tal uns *Martinis* secos?» perguntava Adriano, o dono da casa, com o ar cúmplice de quem sugerisse um pecado. «À americana, com uma igual parte de gim...»

Um cão de pelo escuro e encaracolado acabava de passar por nós. Cláudio, ainda com a cabeça coroadada de penas coloridas, via-o desaparecer. Eu punha no coldre a minha pistola de fulminantes, parecendo ver já esse mesmo cão num outro espaço, algures por dentro de um outro tempo.

Ainda me recordo que esse meu amigo se esquecera de me trazer, nessa tarde, o livro de *As Aventuras de Robinson Crusué* que eu lhe emprestara, se bem que o veja agora estranhamente inserido entre uma pilha de ensaios literários para os quais já não tenho espaço na estante.

Entrávamos então nessa casa, que já não existia. O incêndio ainda deixara algumas escadas desconjuntadas e uns quantos sobrados. Todavia, nessa vasta sala onde todos se reuniam, nada restava senão uma espessa e confusa folhagem indomada e, a um canto, a cabeça de um cavalo de madeira, com pegas de tinta lascada no lugar das orelhas. As rédeas de couro fino, há muito tinham desaparecido.

Lembrei-me então, sem saber bem porquê, da menina Eulália, toda vestida de escuro, com saias de pregas pelo tornozelo, o cabelo de um negro brilhante apanhado atrás e com um risco ao meio, sem chapéu, e com uns pequenos brincos prateados que lhe pareciam brincar com o intenso verde dos olhos.

Passava sempre uma mão levíssima, quase etérea, pelos nossos cabelos de crianças, como se à procura — confessou-nos um dia: «da sensação suave de uma escova com pêlos de marta...» Adriano também parecia surgir, através de uma porta ausente, erguendo na mão direita, onde os botões de punho ainda brilhavam, um copo de pé alto e bojo cónico, onde uma pequena azeitona se afundava num líquido transparente, quase imperceptível.

«Vão zangar-se quando souberem que estivemos no jardim este tempo todo...» disse-me Cláudio, em tom de aviso. «Ora, se eles já não existem, como se poderão zangar connosco?» comentei, bastante mais surpreso do que ele.

Foi então que julguei ver chegar a menina Eulália, com um passo apressado e um rolo de papéis debaixo do braço, acompanhada por uma amiga cujo corpo, por demais desfocado, era apenas uma espécie de sombra ou de névoa semitransparente.

«Como está?» Ela ignorou-me, como se não me tivesse visto, permaneceu ainda na entrada, de olhos levantados, olhando muito para as buganvílias. Já tinha tocado a sineta ao portão, e Maria das Dores, a criada nova, veio logo abrir-lhe a porta com uma certa cerimónia.

Nesse sótão (ou tratar-se-ia de um quarto que dava para as traseiras?) onde se juntavam todos até altas horas da noite, não havia já esse ruído festivo de há pouco. O punho de Adriano, porém, levantando esse copo, ainda me parecia brilhar fixo numa sobreposição de perspectivas, como se através de uma série de traços numa pintura, onde a mesma azeitona solitária adquiria agora um tom avermelhado contra uma série de riscos e de manchas verdes e azuis.

«Temos que ir para casa» repetia ainda Cláudio nesse jardim, avisando-me pela segunda vez.

«E tens visto alguém desses velhos tempos?» perguntava-lhe agora, vendendo uns quantos passos por essa sala, no dia em que me viera visitar.

«Costumava ter longas conversas com a menina Eulália... Apesar de ser um pouco mais velha do que nós... Sentia uma coisa muito especial por ela...»

«Por ela ou por essa papelada escondida, onde ainda nos revíssemos por dentro de uma infância atribulada?» apressei-me a inquirir.

«Sim, mais por esses papéis que tanta curiosidade me tinham despertado. Mas olha que ela ainda era uma mulher bastante atraente...»

«Não acredito...»

«No facto de ser atraente ou nos papéis?»

«Mas que diferença poderá hoje em dia isso fazer? O importante é que voltaste a tomar controlo da tua vida. É isso que importa. . .» Em seguida, já com um tom mais curioso, e após lhe ter dado uma amigável palmada nas costas, vi-me a perguntar-lhe: «Mas tu viste e leste esses papéis, não é verdade?...»

«Várias vezes...» e o seu rosto iluminava-se. «Não que conseguisse perceber muito bem o que ela aí teria escrito. Essas coisas eram-lhe apenas ditadas, como me costumava dizer. A própria ortografia nem sempre era a mais actualizada pois, tal como as “vozes”, parecia estar sempre relacionada com datas específicas... Para além disso, ela nunca relia nem olhava sequer para o que estava a escrever — sentia-o — pois tudo aquilo, tal como te disse já, lhe era comunicado através de um certo automatismo sem origem nem regras. . .»

«Que dizer então das suas previsões para o futuro?» insistia eu.

«Aí esses grafismos tornavam-se mais incertos, como se chovessem sobre essas folhas de tom creme, tal como num dos caligramas de Guillaume Apollinaire... Ainda te lembras de um poema em que ele dizia: “*Il pleut des voix de femmes comme si elles étaient mortes même dans le souvenir*”?»

«Sim, era o primeiro verso *chovido* de “Il pleut”... Mas o facto de termos recitado esse poema tantas vezes entre amigos, nesses velhos cafés, que tal como essa casa já não existem, talvez te tivesse alterado o poder de análise.»

«Não, acredita, antes mo aguçou cada vez mais...» Sem hesitar, ainda acrescentava: «Ela não tinha que morrer desse modo, repara. . .»

«Talvez o futuro de que me falavas, esse que já aqui está com dentes, mordanças virtuais, e grandes fendas num solo por onde uma pessoa poderá desaparecer para sempre, não lhe tivesse agradado. . . Talvez este pós-humanismo muito em moda, com as suas manobras frias e perversas a tivesse levado a desistir. . . Apesar de tudo, como tu disseste, não passava de uma rapariga triste e solitária. . . anónima e frágil, poderíamos acrescentar. . . sem grandes horizontes para lá dessa casa em que, como médium, surgia no esplendoroso e trepidante rasto de certas revelações. . . Talvez aí, e quem sabe se apenas aí, a escutassem, com esses lápis grossos a rastejarem pelo papel, como esta chuva insistente que ouves agora a bater nas janelas. . .»

III

Logo que Cláudio se foi embora (ou seria ele ainda uma versão do pai, de Adriano, com quem a menina Eulália teria tido «um caso»?) voltei a pensar nessa

vivenda em que as pessoas eram liberalmente recebidas, não importava a que hora do dia ou da noite. Era como se nesse belo jardim das traseiras o sol, ou até a lua, brilhassem sempre com mais intensidade e, no vestibulo, os vitrais laterais projectassem cores que me lembrariam para sempre uma espécie de franca e agradável catedral profana.

De volta a esse jardim abandonado, ainda me intrigava o facto desse incêndio não ter sido desencadeado pelas velas ou pelos candeeiros de petróleo que a menina Eulália insistia em manter aí, entre um roçagar súbito e apressado de enormes folhas de papel, mas antes pela lhanza de uma canalização de gás defeituosa. Ela nem se encontrava sequer numa das suas sessões...

O incidente, segundo me informaram, ocorrera logo pela manhã, quando da preparação de um lauto pequeno-almoço. Tinha havido um grande baile na noite anterior e quase todos, à excepção dos criados, dormiam ainda. Cláudio fora salvo pela coragem de Maria das Dores, mas os pais e os restantes convidados vieram a perecer, ou cercados pelo fogo ou asfixiados pelo fumo. Por isso, esse meu amigo de infância ficara então a cargo de uma velha tia, e só o voltei a encontrar já nos últimos anos do liceu e durante os nossos primeiros anos na Faculdade de Letras. Éramos ainda bons amigos, apesar dos muitos anos em que eu estivera ausente.

A menina Eulália, tal como ele referira, suicidara-se numa enleante manhã de Maio, segundo nos foi dito, após ter tomado um frasco inteiro de calmantes, e não se sabe que outros «remédios sem grandes efeitos secundários», com que os médicos a mantinham calma, já sem voz, para sempre submissa e anestesiada.

IV

Após esse nosso encontro, as visitas de Cláudio começaram a rarear. Sabia que estava bem, logo fora das minhas preocupações. De modo que já me poderia entreter plenamente com coisas que pouco tivessem a ver com um possível enredo que, se bem que o não lamentasse, me começava a asfixiar um pouco.

Via mais uma vez essa casa. As buganvílias brancas e cor-de-fogo na entrada, e a menina Eulália a olhar para um e outro lado, como se à procura de pássaros ou de nuvens canoras, talvez cheias das possíveis frases que ela mais tarde se atrevesse a transcrever. Depois, reparava nessas enormes folhas de papel, ainda um pouco amarrotadas ou dobradas à pressa, quando ela saía já

noite escura — numa noite tão viva que ainda a respiro —, saltitando pelos degraus até essa rua calma e quieta onde eu julgava vê-la a flutuar pelos passeios como a aparição de si mesma, como uma mulher que num escuríssimo vestido de noiva levantasse bem alto uma vela acesa com uma aura já devorada pelo esfumado que as visões adquirem, sempre que nelas tentamos focar melhor os olhos. Sim, ela seria para sempre a menina Eulália (*a bem-falante*), a escritora das vozes mais enviesadas e cegas, aquela que talvez um dia pudesse captar o verdadeiro texto do silêncio...

Foi então quando, ao acabar de escrever este conto, julguei vê-la com mais nitidez, estranhamente, nessa altura do dia em que, não sendo ainda bem noite escura, havia já uma quietude escura no ar, um calmo clamor quase claro e arrastado (quase inaudível), como se o sol se continuasse a pôr numa paisagem já muito distante, que assim se me tornava mais nítida, para logo a seguir desaparecer.

«Ainda a vê, não é verdade?» Mas já não era o Cláudio quem mo perguntava. Este, à conta do seu apelido e de certos conhecimentos, conseguira por fim obter um lugar invejável no Governo, no instante em que a menina Eulália, caminhando por toscas áreas selvagens de jardins abandonados, me dizia ao ouvido: «Era um entretém como qualquer outro, havia quem acreditasse, quem ficasse intensamente impressionado, mas, que outras vozes lhes poderia ter dado?...»